

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
LETRAS PORTUGUÊS - FRANCÊS

RAABE CAROLINE SANTANA DA SILVA

CHAPEUZINHO VERMELHO E SUAS DIFERENTES TRADUÇÕES:
de quantas maneiras podemos dizer a mesma coisa?

Rio de Janeiro, Dezembro 2020

RAABE CAROLINE SANTANA DA SILVA

**CHAPEUZINHO VERMELHO E SUAS DIFERENTES TRADUÇÕES:
de quantas maneiras podemos dizer a mesma coisa?**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras na habilitação Português/Francês orientada pela Profa. Dra. Angela Maria da Silva Corrêa .

Rio de Janeiro, dezembro 2020

CIP - Catalogação na Publicação

SS232c Silva, Raabe Caroline Santana da
Chapeuzinho Vermelho e suas diferentes traduções:
de quantas maneiras podemos dizer a mesma coisa? /
Raabe Caroline Santana da Silva. -- Rio de Janeiro,
2020.
27 f.

Orientadora: Angela Maria da Silva Corrêa.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Francês, 2020.

1. Tradução. 2. Contos. 3. Perrault. I. Silva
Corrêa, Angela Maria da , orient. II. Título.

CHAPEUZINHO VERMELHO E SUAS DIFERENTES TRADUÇÕES:
de quantas maneiras podemos dizer a mesma coisa?

RAABE CAROLINE SANTANA DA SILVA

Monografia defendida e aprovada, em 06/01/2021 pela banca examinadora:

Angela M. S. Corrêa

Professora Doutora Angela Maria da Silva Corrêa

Orientadora

Marília Santanna Villar

Professora Doutora Marília Santanna Villar

Professora do curso de Licenciatura em Português- Francês

Dedico este trabalho a todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indireta para a conclusão do mesmo.

RESUMO

Há elementos intrínsecos na sociedade, sem os quais, com toda certeza, nossas vidas seriam no mínimo diferentes, pois muitos dos hábitos que possuímos, muitas das nossas práticas cotidianas seriam impossíveis. No entanto, algumas dessas práticas são tão corriqueiras que talvez nem nos demos conta da importância delas nas nossas vidas. Por exemplo, a tradução foi criada devido à necessidade de comunicação existente entre pessoas de diferentes línguas. Com o tempo, as traduções foram se expandindo e se tornando mais fáceis com o avanço da tecnologia. Hoje, a tradução é um elemento indispensável na nossa sociedade. Além de facilitar a interação, ela também tem o poder de manter ativas culturas e identidades.

Levando em conta a extrema importância da tradução, o trabalho apresentado visa colocar em evidência e analisar alguns procedimentos ou métodos utilizados na técnica de traduzir. As técnicas de tradução analisadas foram a transposição, diluição/concentração, mudança de construção/reconstrução de período e a modulação.

Para um estudo mais detalhado e preciso, foi realizada uma análise comparativa de duas traduções para o português do Brasil do conto de fadas, “*Le Petit Chaperon Rouge*” (Chapeuzinho Vermelho), de Charles Perrault.

Palavras-chave: 1. Tradução. 2. Chapeuzinho Vermelho. 3. Contos I. Santana da Silva, Raabe Caroline. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2020. III. CHAPEUZINHO VERMELHO E SUAS DIFERENTES TRADUÇÕES: **de quantas maneiras podemos dizer a mesma coisa?**

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1. Objetivo.....	7
1.2. Referencial Teórico.....	8
1.3. Perrault e sua escrita.....	8
1.4. Sobre os contos de fadas e “ <i>Le Petit Chaperon Rouge</i> ” (Chapeuzinho Vermelho).....	9
2. INFORMAÇÕES SOBRE AS TRADUÇÕES E ANÁLISE DO “CORPUS”	14
2.1. Sobre Rosa Freire D’aguiar e sua tradução de <i>Le Petit Chaperon Rouge</i> (Chapeuzinho Vermelho).....	14
2.2. Sobre a Tradução encontrada no site da Internet.....	15
2.3. Os procedimentos técnicos de tradução.....	15
2.3.1. A transposição.....	22
2.3.2. A diluição/concentração.....	26
2.3.3. A mudança de construção ou reconstrução de períodos.....	27
2.3.4. A Modulação.....	28
2.3.5. A Economia / Amplificação.....	30
3. CONCLUSÃO.....	31
4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

Ainda que a pluralidade de línguas seja encarada como um elemento que crie uma divisão social, a tradução é um recurso que diminui a distância entre os povos e permite que as culturas das nações sejam transmitidas umas às outras o que torna essa atividade indispensável.

Sabe-se que a tradução é motivada por necessidades subjetivas ou objetivas que fazem com que tenhamos acesso a um novo texto, obviamente muito próximo do original, mas ainda assim, um novo texto. Essa multiplicidade de possibilidades em torno de um único registro que é trazida pela tradução, ocorre pelo fato de o tradutor ser um sujeito único, totalmente diferente daquele que produziu inicialmente o discurso que foi traduzido. Tylter (1791 apud BOHUNOVSKY, 2001), defende que, ao traduzir, o tradutor literário deverá seguir alguns princípios básicos. Por exemplo, ele defende que a ideia de que o trabalho original e seu estilo devem ser transcritos de forma completa na tradução. **Além disso, para ele, a forma da escrita da obra original e da tradução devem ser do mesmo caráter.** No entanto, pode-se afirmar que é impossível que o tradutor seja apenas uma via que não exerce nenhuma influência na passagem do texto original à sua nova configuração linguística. A tentativa de uma tradução plena e exata possui como barreira a diversidade relacionada à língua de chegada e de partida. A subjetividade do tradutor também se impõe, logo, aspectos individuais, tais como: classe social, gênero, cultura, posição política e outros aspectos, que podem, no final, interferir no processo de tradução. Além disso, fatores inerentes à língua de partida e à língua de chegada em questão no processo tradutório podem interferir fortemente na tradução final.

Tendo em vista todas essas possibilidades ligadas à prática de traduzir, entende-se que é importante adotar alguns métodos que estabelecem uma uniformidade no processo tradutório, contribuindo assim para que se tenha um texto final coerente e transmitido de forma correta.

1.1. Objetivo

O objetivo deste trabalho é apresentar e refletir sobre alguns procedimentos ou métodos utilizados na técnica de tradução. Para que essa apresentação seja mais detalhada, será realizada uma análise comparativa de duas traduções para o

português do Brasil de um conto de fadas bem popular, “*Le Petit Chaperon Rouge*” (Chapeuzinho Vermelho), de Charles Perrault. Será analisada a tradução de Rosa Freire de Aguiar (2012) e uma outra versão traduzida, realizada por um autor desconhecido e que é encontrada em um site que publica contos em geral (<http://sempreversoes.blogspot.com>).

1.2. Referencial Teórico

Para fundamentar as análises, servem-nos de guias os textos de Todorov (1975), Barbosa (2020), Vinay e Darbelnet (1977), Nida (1993), entre outros. E será abordado nas análises, o conto de fadas de Charles Perrault, “*Le Petit Chaperon Rouge*” traduzido por Rosa Freire d’Aguiar e um tradutor desconhecido cuja tradução se encontra em um site na Internet.

1.3. Perrault e sua escrita

O escritor e poeta Charles Perrault é conhecido como Pai da Literatura Infantil. Além de Chapeuzinho Vermelho o escritor e também advogado produziu histórias infantis muito conhecidas, tais como “*La Belle au bois dormant*” (A Bela Adormecida), “*Le Maître chat*” ou “*le Chat botté*” (O Gato de Botas), “*Cendrillon*” ou “*la petite pantoufle de verre*” (Cinderella), “*La Barbe bleue*” (Barba Azul) e “*Le Petit Poucet*” (O Pequeno Polegar).

Charles Perrault (1628-1703) nasceu em Paris, França, no dia 12 de janeiro de 1628. Em 1637, ingressou no Colégio de Beauvais, onde estudou literatura. Em 1643, iniciou o curso de Direito e em 1651, com apenas 23 anos, conseguiu o seu diploma, tornando-se advogado.

Perrault prestou serviços ao reino. Foi cobrador geral, conselheiro da corte, trabalhou na superintendência de obras públicas do reino e foi um dos colaboradores para a fundação da Academia Francesa de Ciências e para a reconstrução da Academia da Pintura.

Em 1671, Charles Perrault foi eleito para a Academia Francesa de Letras, onde liderava o grupo dos nomeados como “Modernos”, intelectuais que defendiam que a

produção literária francesa não era em nenhum aspecto inferior aos clássicos do passado que já possuíam um espaço de prestígio na literatura da época.

Charles Perrault tentou provar a superioridade e a qualidade da literatura de sua época, com a publicação de algumas obras. Em 1697, Charles Perrault passou a registrar histórias que, segundo muitos estudiosos, já eram reproduzidas oralmente e eram bem populares, criando assim, um novo gênero da literatura: “o conto de fadas”. Charles Perrault começou sua carreira na literatura infantil depois de 60 anos de idade e faleceu em Paris, França, no dia 16 de maio de 1703.¹

1.4. Sobre os contos de fadas e “*Le Petit Chaperon Rouge*” (Chapeuzinho Vermelho)

Le Petit Chaperon Rouge



Figura 1 - PERRAULT (1867)²

¹FRAZÃO, Dilva*. Charles Perrault. Escritor francês. Ebiografia 2020. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/charles_perrault>. Acesso em: 20 de outubro de 2020

*Possui bacharelado em Biblioteconomia pela UFPE e é professora do ensino fundamental. Desde 2008 trabalha na redação e revisão de conteúdos educativos para a web.

² Figura 1: France Culture. Disponível em 13 de dezembro de 2020: <https://www.franceculture.fr/litterature/le-loup-du-petit-chaperon-rouge-gros-lourd-abruti-et-ringard>;

Le Parisien. Disponível em 13 de dezembro de 2020: <https://www.leparisien.fr/essonne-91/marcoussis-91460/le-conte-du-petit-chaperon-rouge-selon-perreault-est-il-ne-en-essonne-02-03-2017-6727050.php>;

L'express. Disponível em 13 de dezembro de 2020: https://www.lexpress.fr/actualite/societe/le-petit-chaperon-rouge-victime-du-neofeminisme_2074643.html

Os contos de fada eram histórias recolhidas que tinham origem na tradição oral e até então não haviam sido documentadas, pois não havia muitos registros escritos e ainda não existia a ideia que temos hoje de autoria. A palavra oral dominava sobre a escrita. Na verdade, os contos de fadas surgiram antes de existir a ideia de fazer ou escrever algo dirigido às crianças.

Nos contos de fada, as histórias buscam apresentar a realidade, sendo que esta convive com o maravilhoso, o mágico e com poderes sobrenaturais. É possível perceber isso em Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, pois neste conto temos elementos relacionados à realidade que são apresentados junto com elementos mágicos, como um animal falante (o lobo mau).

Os contos de fada são narrativas que foram sofrendo diversas variações conforme o tempo e a cultura em que eram contadas e recontadas, ganhando forma e autoria definidas apenas ao serem escritas.

Sabe-se que Perrault passou a registrar histórias, contos de fadas, num livro de registros que ficou conhecido como "*Les Contes de ma mère l'Oye*" (Contos da Mãe Gansa) e reunia diversas histórias infantis, entre elas, "*Le Petit Chaperon Rouge*" (Chapeuzinho Vermelho). Essas histórias sempre terminavam com uma lição moral fazendo com que os contos de fada de Perrault ganhassem também o status de fábula. No site Mundo Educação, por exemplo, as fábulas são apresentadas como sendo textos ficcionais, narrativas figuradas, nas quais os animais são colocados como personagens que possuem características humanas. A fábula pode ser escrita em prosa ou em verso e é sustentada sempre por uma lição ou ensinamento moral, apresentada na conclusão da história. Nessas conclusões vêm à tona comportamentos humanos por meio de metáforas.³

Além de geralmente apresentar uma lição moral, ganhando assim característica de fábula, alguns contos de Perrault podem se aproximar das fábulas ainda por outra razão. Todorov defende que nas fábulas "o sentido alegórico achasse explicitado no mais alto grau" e que "nós o encontramos resumido, sob a forma de alguns versos, no fim de cada conto" (Todorov: 1975, p. 71). Segundo o referido

³ Fábulas. Mundo Educação 2020. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/redacao/fabula.htm>>. Acessado em 20 de Setembro de 2020

teórico, primeiramente, a alegoria implica a existência de pelo menos dois sentidos para as mesmas palavras.

Todorov afirma que:

[...] primeiramente, a alegoria implica na existência de pelo menos dois sentidos para as mesmas palavras; diz-se às vezes que o sentido primeiro deve desaparecer, outras vezes que os dois devem estar presentes juntos. Em segundo lugar, esse duplo-sentido é indicado na obra de maneira explícita: não depende da interpretação (arbitrária ou não) de um leitor qualquer. (TODOROV, 1975; p.71).

Além disso, é importante ressaltar que esse duplo sentido é indicado na obra de maneira clara e sem oferecer margem para interpretação (arbitrária ou não) de qualquer leitor. (Todorov, 1975). Na obra "*Le Petit Chaperon Rouge*" (Chapeuzinho Vermelho) há a presença desse duplo sentido. Por exemplo, a figura do lobo mau cumpre este papel, pois ele não representa só o animal, mas também faz alusão aos homens da época de Luís XIV que seduziam as moças da sociedade. Este conto era destinado à corte do rei Luís XIV, um público que participava das festas extravagantes promovidas pelo rei com muitas prostitutas. O objetivo do conto era levar uma moral às mulheres, ajudando-as a perceberem os avanços de pretendentes mal intencionados. Este objetivo fica bem claro e evidente quando se sabe que nesta época era bem comum dizer que uma menina que havia perdido a virgindade tinha visto "o lobo", animal de amplo destaque no conto "*Le Petit Chaperon Rouge*" (*Chapeuzinho Vermelho*). Resumindo, o texto de Perrault tem um caráter de fábula moral, ensina que quem desrespeita as regras sofre as piores consequências imagináveis. O final do conto "*Le Petit Chaperon Rouge*" (*Chapeuzinho Vermelho*) transmite o sentido alegórico mencionado por Todorov (Todorov, 1975) e a lição de moral tão esperada numa fábula:

Moral da História

Aqui vemos que a infância inexperiente,
sobretudo as senhoritas,
bem-feitas, amáveis e bonitas,
faz muito mal de escutar todo tipo de gente,
e que não é causa de estranheza
se há tantas que do lobo viram presa.
Diga o lobo, pois numa progenitura
nem todos têm a mesma natureza:
alguns há de espírito cortês,

calados, sem rancor, sem amargura,
 que, em segredo, condescendentes e com doçura,
 seguem as jovens donzelas
 até nas casas, até nas ruelas.
 Mas, ai! quem não sabe que esses lobos melosos
 de todos são os mais perigosos?⁴

Na tradução encontrada no site <http://sempreversoes.blogspot.com/> e que também é analisada no presente estudo, é possível perceber o mesmo tom de lição moral. O lobo é também apresentado como um perigo para as moças e é colocado como perseguidor de jovens moças:

Moral da história
 Vimos que os jovens,
 Principalmente as moças,
 Lindas, elegantes e educadas,
 Fazem muito mal em escutar
 Qualquer tipo de gente,
 Assim, não será de estranhar
 Que, por isso, o lobo as devore.
 Eu digo o lobo porque todos os lobos
 Não são do mesmo tipo.
 Existe um que é manhoso
 Macio, sem fel, sem furor.
 Fazendo-se de íntimo, gentil e adulator,
 Persegue as jovens moças
 Até em suas casas e seus aposentos.
 Atenção, porém!
 As que não sabem
 Que esses lobos melosos
 De todos eles são os mais perigosos⁵.

⁴ PERRAULT, Charles. **Chapeuzinho Vermelho**. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar. 4a reimpressão. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2012 (2007).

⁵ PERRAULT, Charles. **Chapeuzinho Vermelho**. Tradução: Autor desconhecido Disponível em: <http://sempreversoes.blogspot.com/>; Acesso em: 20 de novembro de 2020

Conforme já mencionado “*Le Petit Chaperon Rouge*” (*Chapeuzinho Vermelho*) é considerado um conto de fadas clássico. O conto possui esse nome, pois sua protagonista é uma menina que usa um capuz vermelho. Sabe-se que o conto de fadas foi publicado pela primeira vez por Charles Perrault, mas depois ele foi também publicado pelos Irmãos Grimm que mudaram alguns aspectos do conto. Por exemplo, na versão de Charles Perrault, não existia a figura do Caçador (figura que surge na versão dos Irmãos Grimm para salvar a menina e sua avó de um possível final trágico). Chapeuzinho Vermelho ficava despida, deitava-se com o lobo e morria devorada por ele. O conto sofreu inúmeras adaptações, mudanças e releituras da cultura popular mundial e é um dos contos mais conhecidos de todos os tempos em todo o mundo.

Neste conto de fadas, Chapeuzinho Vermelho, uma moça descrita como jovem, atraente e bem educada foi visitar sua avó que morava bem longe e estava doente. O caminho até a casa da avó era longo e passava por uma floresta. O Lobo Mau, vendo que a menina estava sozinha, aborda-a no caminho dizendo ser o guarda da floresta, mas na verdade ele estava mentindo. A sua intenção era comer a neta e a avó. Quando Chapeuzinho Vermelho chega ao seu destino, ela fica um pouco desconfiada, pois acha a sua avó bem diferente. Na verdade, o Lobo Mau chegou antes dela e já tinha comido a idosa e vestido sua roupa, e em sua cama esperava para comer a menina. A menina termina sendo devorada.

Como foi anteriormente mencionado, muitos dos contos de fada de Perrault sempre terminavam com uma lição moral. É importante lembrar que o conto Chapeuzinho Vermelho foi escrito para a corte do rei Luís XIV, no final do século XVII e era para um público que era distraído pelo rei com muitas festas, logo, o objetivo era levar uma lição moral às mulheres, para ajudá-las a se darem conta dos avanços de pretendentes vistos como ruins e sedutores e não se deixarem enganar por eles. Pretendentes estes que são comparados ao “Lobo mau”. Chapeuzinho Vermelho era uma chave para estimular prudência e cuidado com o sexo masculino da parte das meninas da sociedade daquela época que eram vistas como inocentes e sem experiência. (PONTES; 2020).

2. INFORMAÇÕES SOBRE AS TRADUÇÕES E ANÁLISE DO “CORPUS”

Como objeto deste estudo, as traduções de Rosa Freire d’Aguiar e uma outra apresentada em um site na Internet (<http://sempreversoes.blogspot.com>), cujo tradutor é desconhecido, do conto de fadas “*Le Petit Chaperon Rouge*” (Chapeuzinho Vermelho), de Charles Perrault, serão analisadas de forma sucinta, utilizando procedimentos técnicos descritos a seguir.

2.1. Sobre Rosa Freire D’aguiar e sua tradução de *Le Petit Chaperon Rouge* (Chapeuzinho Vermelho)

Pode-se dizer que Chapeuzinho Vermelho, embora não seja uma história nacional, é um conto de fadas muito conhecido, apreciado e pertencente ao imaginário brasileiro.

A obra Chapeuzinho Vermelho de Perrault tem muitas traduções e adaptações para o português do Brasil e uma delas foi realizada por Rosa Freire d’Aguiar. Carioca e formada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rosa Freire d’Aguiar trabalhou como correspondente em Paris das revistas “Manchete” e “Isto é”.⁶ Depois, voltando ao Brasil, Rosa Freire d’Aguiar passou a trabalhar no mercado editorial. A jornalista traduziu do francês, espanhol e italiano por volta de cem títulos de literatura e ciências humanas. É autora de algumas obras e recebeu alguns prêmios com livros relacionados ao ato de traduzir, como “Memória de tradutora” (Escritório do livro). E também, como o prêmio da união latina de Tradução Técnica e Científica (2001), o Jabuti de tradução (2009), entre outros.

Em 2012, Rosa Freire d’Aguiar, publicou Chapeuzinho Vermelho, pela Companhia das Letrinhas (2012). O livro possui somente o conto de Perrault em uma edição totalmente voltada ao público infantil com grandes ilustrações acompanhando a história. Ao final do livro, encontramos alguns textos com

⁶ PERRAULT, Charles. Chapeuzinho Vermelho. Tradução: Rosa Freire d’Aguiar. 4ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2012. (2007). Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php>>, Acesso em 21 de Setembro de 2020

informações para as crianças sobre o Charles Perrault e a tradição dos contos de fadas.

2.2. Sobre a Tradução encontrada no site da Internet ⁷

Sabe-se que, atualmente, muitas pessoas recorrem à internet para terem acesso aos conteúdos literários. Geralmente, são pessoas que buscam um acesso mais rápido, talvez não possuam muita disponibilidade de tempo ou procuram formas mais baratas de continuarem a ter acesso a produções literárias que lhes interessam. Devido a essa recente e grande procura, podemos encontrar na internet inúmeros sites sobre todo tipo de literatura, além de livros recentes e antigos de todos os lugares do mundo e com variados formatos.

Um desses sites que possuem como foco a literatura, é o <http://sempreversoes.blogspot.com/>. Nesse site podemos encontrar várias versões traduzidas de muitos clássicos da literatura mundial, entre eles, Chapeuzinho Vermelho, tanto na versão dos irmãos Grimm como na de Charles Perrault cuja tradução, de autor desconhecido, será referenciada no presente trabalho.

2.3- Os procedimentos técnicos de tradução

A importância da tradução está cada vez mais forte, assim como o número de estudos a seu respeito. Muitos tipos de escrita são traduzidos, além da escrita literária, permitindo a muitos leitores o acesso à informação, em sua própria língua, sobre diferentes assuntos oriundos de várias partes do mundo. Dada a importância da tradução, a presente pesquisa tem como objetivo central tentar avaliar e refletir sobre os procedimentos técnicos usados no processo de tradução e que são encontrados nas duas traduções que foram escolhidas de “*Le Petit Chaperon Rouge*” (Chapeuzinho Vermelho) para o português brasileiro e, se possível, levantar as possíveis semelhanças e diferenças existentes entre as duas.

⁷ PERRAULT, Charles. Chapeuzinho Vermelho. Tradução: Autor desconhecido Disponível em: <http://sempreversoes.blogspot.com/>; Acesso em: 20 de novembro de 2020

Os procedimentos técnicos de tradução foram abordados pela primeira vez na obra de Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet “*Stylistique comparée du français et de l’anglais: méthode de traduction*” (1977), que fazia parte da série “*Bibliothèque de Stylistique Comparée*”. Essa obra se baseia na linguística saussuriana e na estilística, e tem como objetivo buscar subsídios teóricos para a análise da tradução.

Sobre a atividade tradutória, Nida, linguista e tradutor que desenvolveu a teoria de tradução da equivalência formal e dinâmica, afirma:

[...] ainda não existe nenhuma teoria unificada da tradução no sentido técnico de “um conjunto coerente de proposições gerais usadas como princípios para explicar uma classe de fenômenos”, mas existem algumas “teorias” no sentido lato de “um conjunto de princípios úteis para compreender a natureza da tradução ou para estabelecer critérios de avaliação de um texto traduzido” (NIDA, 1993, p.155).

Percebe-se então que não há uma teoria única da tradução o que torna difícil chegar a uma definição de tradução que seja aceita e adotada por todos. Durante este estudo foram encontradas diferentes perspectivas abordadas e defendidas pelos teóricos da tradução. Essas divergências ficam ainda mais claras quando se discutem os modelos de tradução, no caso a tradução direta e a tradução oblíqua.

Quando o tradutor vai realizar a passagem de uma língua para a outra, ou seja, da língua de partida para a língua de chegada, pode ser que não ocorra nenhum bloqueio de informação. Talvez a mensagem não apresente nenhuma dificuldade de passagem de uma para outra língua, pois os paralelismos estruturais ou culturais dos dois sistemas são os mesmos. Quando isto ocorre, acontece o que é chamado de tradução direta.

A seguinte definição de tradução direta é defendida por Vinay e Darbelnet (1977, p.46):

[...] quando a mensagem da LO (língua original) se deixa passar perfeitamente para a mensagem da LT (língua da tradução), pois repousa seja em categorias paralelas (paralelismo estrutural), seja sobre concepções paralelas (paralelismo extralinguístico).

Analisando a tradução de Chapeuzinho Vermelho de Rosa Aguiar e refletindo sobre a definição de tradução direta ou literal apresentada por Vinay e Darbenelt, é possível a identificação de elementos característicos deste tipo de tradução em alguns momentos no conto de Charles Perrault.

Vejam alguns exemplos:

Exemplo 1:

Toc, toc. “Qui est là?” “– C’est votre fille le petit Chaperon Rouge” (dit le Loup, en contrefaisant sa voix) “qui vous apporte une galette et un petit pot de beurre que ma mère vous envoie.”

Toc, toc.
 “Quem está aí?”
 “E a sua netinha, Chapeuzinho Vermelho”, disse o lobo imitando a voz dela, “que está lhe trazendo um bolinho e um potinho de manteiga mandados pela mamãe.”

Exemplo 2:

Le Loup tira la chevillette et la porte s’ouvrit.
 Il se jeta sur la bonne femme, et la dévora...

O lobo puxou o pino, e a porta se abriu.
 Ele se jogou sobre a pobre mulher e a devorou...

Exemplo 3:

“Mets la galette et le petit pot de beurre sur la huche, et viens te coucher avec moi.”

“Ponha o bolinho e o potinho de manteiga em cima **do baú** e venha se deitar comigo.”

Nos exemplos anteriores, nos trechos retirados da tradução de Rosa Maria D’aguiar, observa-se a ocorrência de uma tradução direta. Contudo a proposta deste estudo procurou traçar um paralelo entre diferentes traduções e, para tanto, serão analisados a seguir os mesmos trechos da história de “*Le Petit Chaperon Rouge*”

(Chapeuzinho Vermelho) de Charles Perrault, retirados no site <http://sempreversoes.blogspot.com/>, mas de um tradutor desconhecido.

Será que nesses trechos também ocorrerá elementos característicos de uma tradução literal?

Exemplo 4:

Toc, toc.” Qui est là?” – C’est votre fille le petit Chaperon rouge (dit le Loup, en contrefaisant sa voix) “qui vous apporte une galette et un petit pot de beurre que ma mère vous envoie.”

Toc, toc.
 “Quem está aí?”
 “É a sua neta Chapeuzinho Vermelho”,
 disse o lobo mudando a voz. “Eu lhe trago uma torta e um potezinho de manteiga que minha mãe mandou para você.”

Exemplo 5:

Le Loup tira la chevillette et la porte s’ouvrit.
 Il se jeta sur la bonne
 femme, et la dévora...

O Lobo puxou a tranca e a porta se abriu.
 Ele avançou sobre a pobre mulher e devorou-a num instante...

Exemplo 6:

“Mets la galette et le petit pot de beurre sur
 la huche, et viens te coucher avec moi.”

“Ponha a torta e o
 potezinho de manteiga sobre a **caixa de pão**.
 e venha se deitar comigo.”

Um detalhe bem interessante neste último exemplo é que na tradução de Rosa d’Aguiar a palavra “huche” é traduzida como “baú” e na tradução retirada do site⁸ “huche” é traduzida como caixa de pão. Encontramos a seguinte definição para a palavra “huche”:⁹

huche, nom féminin
 Coffre en bois que l’on utilisait autrefois pour ranger le pain.
 Synonyme: coffre

⁸ PERRAULT, Charles. Chapeuzinho Vermelho. Tradução: Autor desconhecido Disponível em: <http://sempreversoes.blogspot.com/>; Acesso em: 20 de novembro de 2020

⁹ Dictionnaire français l’internaute. <https://www.linternaute.fr/dictionnaire/fr/definition/huche/>.. Acesso em 18 de Outubro de 2020

“Huche” era um móvel de madeira usado antigamente para guardar o pão. O nome original do recipiente era “huche à pain”. Percebe-se que na tradução do site <http://sempreversoes.blogspot.com/>, o tradutor tenta mostrar bem o sentido da palavra “huche”. Visto que aparentemente não há uma palavra equivalente a uma “huche”, em português, por isso ele deixa na tradução bem claro o que é esse objeto: uma caixa de pão. Enquanto, na tradução de Rosa d’Aguiar, não fica claro para que serve o baú, inclusive, pouco provavelmente ao ler a palavra “baú” o leitor vai imaginar que se trata de um móvel de madeira destinado a guardar pão.



Figura 2: Huche à pain

Em todos os exemplos acima, nas duas traduções analisadas, nos trechos em negrito, foi possível depreender que a mensagem da língua de partida é passada perfeitamente para a mensagem da língua de chegada em alguns momentos, as mensagens das línguas de partida e de chegada possuem concepções paralelas, ou seja, paralelismo extralinguístico.¹⁰

Como já mencionado, para Vinay e Darbelnet (1977), os procedimentos técnicos da tradução se dividem em tradução direta e tradução oblíqua, sendo que tradução direta se divide em três categorias: empréstimo, decalque e tradução literal.

A tradução literal é possível quando existe uma forte semelhança entre as duas línguas em questão. Ocorre com mais facilidade em línguas da mesma família.

¹⁰ SOUSA-AGUIAR, Maria Arminda de. Tradução: da teoria à prática. **ELOS: o francês no Brasil**, Rio de Janeiro, Associação Brasileira dos Professores Universitários de Francês, 2: p.49-62, 1980.

Figura 2: label emmaus. Disponível em: <https://www.label-emmaus.co/fr/huche-a-pain-en-bois-hauteur-92-cm-26094214/> Acessado em 13 de dezembro de 2020:

Nesse caso, ocorre uma passagem perfeita da língua de partida para a língua de chegada, é possível transpor um elemento da mensagem da língua de partida por outro elemento da língua de chegada. Essas traduções são baseadas em categorias de paralelismo, que podem ser estruturais ou conceituais.

Há uma percepção desta ocorrência característica de uma tradução literal nos trechos dos exemplos 4 e 5:

Exemplo 4:

“Toc toc. Qui est là?”

“Toc toc. Quem está aí?”

Exemplo 5:

“Mets la galette et le petit pot de beurre sur la huche et viens te coucher avec moi.”

“Ponha o bolinho e o potinho de manteiga em cima do baú e venha se deitar comigo.”

“Ponha a torta e o potezinho de manteiga sobre a caixa de pão e venha se deitar comigo.”

Nos exemplos acima, retirados do livro “*Le Petit Chaperon Rouge*”, de Charles Perrault e de “Chapeuzinho Vermelho” de Rosa Freire d’Aguiar e do site <http://sempreversoes.blogspot.com/>, nota-se que existem entre as mensagens semelhanças estruturais e culturais que permitem estabelecer uma relação entre os signos da língua de partida e da língua de chegada. Por isso ocorre uma forma espontânea de tradução, sem que o texto resultante perca as características presentes no texto de partida. Não foi necessária nenhuma alteração de número, ordem ou de relação das palavras entre si.

Como mencionado anteriormente, na tradução direta, consegue-se passar uma característica da mensagem da língua de partida para outra característica da língua de chegada. São traduções que se baseiam em categorias de paralelismo, que podem ser estruturais ou conceituais. No entanto, nem sempre é possível transpor alguns efeitos estilísticos para uma língua de chegada sem que ocorra alguma espécie de alteração na ordem sintática ou até mesmo no léxico. Nesse caso, o tradutor parte da ideia de que o objetivo primário da tradução é manter a

mensagem original, nem que para isso seja necessário anular a correspondência entre as unidades da Língua de Partida e da Língua de Chegada

Seriam casos nos quais uma tradução literal traria mensagens inaceitáveis na língua de chegada, ou seja, caracterizando um outro sentido dado ao texto, um texto sem sentido, uma estrutura impossível, ou ainda a falta de uma expressão paralela dentro da experiência extralinguística da língua de chegada, etc.

Para Vinay e Darbelnet (1977 apud Souza Aguiar, 1980), há cinco possibilidades nas quais a tradução literal se torna inaceitável:

- a mensagem adquire um outro sentido;
- não tem sentido;
- é impossível por motivos estruturais;
- não corresponde a uma realidade cultural da Língua de chegada;
- corresponde a uma realidade da Língua de Chegada, mas não no mesmo nível de língua em que a mensagem se encontrava no texto da Língua de Partida.

Diante do exposto, percebe-se que existe uma necessidade do tradutor de preencher lacunas da Língua de Chegada em relação à Língua de Partida. Nesse caso, cabe ao tradutor, por fim, buscar formas equivalentes, para que ele consiga manter o sentido da mensagem que ele visa passar. Quando isso ocorre, há o que é chamado de tradução oblíqua.

Esse fenômeno é observado no exemplo abaixo, no qual lemos:

“Le petit Chaperon Rouge, qui entendit la grosse voix du Loup eut peur d’abord, mais croyant que sa mère-grand était enrhumée, répondit...”

“Chapeuzinho Vermelho, ao escutar a voz grossa do Lobo, teve medo, mas pensando que a voz de sua avó estava diferente por causa do resfriado, respondeu:...”

(<http://sempreversoes.blogspot.com/>)

Comparando esse trecho da tradução do site <http://sempreversoes.blogspot.com/> com o trecho encontrado na obra de Perrault, observa-se uma tradução oblíqua pois temos na versão original a palavra “croyant” que é equivalente ao particípio presente do verbo “crer”. Quando analisamos a tradução mencionada, percebe-se que ocorre a passagem de “croyant” para “pensando” que pode ser comparado ao sentido de “acreditando”. Neste exemplo, há um caso de tradução oblíqua.

Acontece também com o mesmo trecho retirado da tradução de Rosa D’Aguiar, onde há uma tradução oblíqua quando ocorre a passagem de “croyant” para “lembrando”. Neste exemplo, mais uma vez, observa-se uma tradução oblíqua.

“Le petit Chaperon Rouge, qui entendit la grosse voix du Loup eut peur d’abord, mais croyant que sa mère-grand était enrhumée, répondit:[...]”

“Chapeuzinho Vermelho, que ouviu a voz grossa do Lobo, teve medo, mas lembrando que a vovozinha estava resfriada, respondeu:[...]”

Alguns procedimentos são usados na tradução oblíqua e no presente estudo serão analisados alguns. São eles:

1. Transposição;
2. Diluição/Concentração;
3. Mudança de construção ou Reconstrução de períodos;
4. Modulação

2.3.1- A transposição

No que diz respeito ao primeiro procedimento, a transposição, ele pode ser obrigatório ou opcional. Está nas mãos do tradutor escolher uma transposição e

decidir se esta possuirá mais exatidão com relação ao texto de partida ou se ele vai permitir que nuances de estilo sejam mantidas.

A transposição é um procedimento que acontece quando temos um afastamento da língua de partida em relação à língua de chegada, no que diz respeito ao plano sintático. A transposição ocorre por imposição gramatical ou muitas vezes por razões estilísticas e pode levar o tradutor a mudar a classe de uma palavra, sem que com isso o conteúdo expresso pela língua de partida seja alterado.

Existem vários tipos de transposição, visto que este procedimento pode ocorrer com vários pares de categorias gramaticais. Por exemplo: uma transposição verbo/substantivo, substantivo/verbo, pronome/artigo ou até uma forma diferente de transposição, o chassé-croisé, em que, numa relação de reciprocidade duas palavras tomam uma a classe da outra, por exemplo: verbo/substantivo/substantivo/verbo, substantivo/adjetivo/adjetivo/substantivo, etc.

Analisando a tradução de Chapeuzinho Vermelho encontrada no site <http://sempreversoes.blogspot.com/> é possível identificar elementos que nos mostram que houve uma transposição na passagem da língua de partida para a língua de chegada. Vejamos o exemplo abaixo:

“[...] une petite fille de village, la plus jolie qu'on eût su voir; sa mère en était folle, et sa mère-grand plus folle encore.”

“[...] uma menina que todos achavam muito bonita. A mãe era doida por ela e a avó mais ainda.”

Comparando os dois trechos observa-se que ocorreu uma transposição pronome adjetivo possessivo/ artigo da língua de partida para a língua de chegada. Onde temos “sa mère” e “sa mère-grand” em francês, temos em português “a mãe” e “a avó”. Temos a troca do possessivo “sa”, pelo artigo definido “a”.

“Un jour, sa mère ayant cuit et fait des galettes, **lui dit** [...]”

“Um dia em que sua mãe tinha preparado umas tortas, **disse para ela** [...]”

Na obra de Perrault, encontramos: “[...] lui dit.” Na tradução do site <http://sempreversoes.blogspot.com/> encontramos o equivalente na frase: “disse para ela”. Comparando a língua de chegada e a língua de partida, há uma substituição de uma parte por outra. Em francês temos o pronome e depois o verbo, enquanto em português temos primeiro o verbo e depois o pronome sujeito precedido de preposição. Ocorre a troca do pronome pessoal oblíquo por um pronome reto com a mesma função sintática do pronome oblíquo.

Analisando os trechos mencionados, na tradução de Rosa D’Aguiar, observa-se que ocorre também uma transposição pronome adjetivo possessivo /artigo da língua de partida para a língua de chegada. Ocorrendo a troca do possessivo “sa”, pelo artigo definido “a”.

“[...] une petite fille de village, la plus jolie qu’on eût su voir; sa mère en était folle, et sa mère-grand plus folle encore.”

“Era uma vez a garotinha de um vilarejo, a mais bonita que se pode imaginar: A mãe a adorava e a avó a adorava mais ainda.”

No outro trecho escolhido, percebe-se uma diferença entre a tradução do site <http://sempreversoes.blogspot.com/> e da tradução de Rosa d’Aguiar.

“Un jour, sa mère ayant cuit et fait des galettes, **lui dit** [...]”

“Um dia, a mãe preparou uns bolinhos e **lhe disse**[...]”

Conforme já mencionado, na obra de Perrault, observa-se: “[...] lui dit.” Na tradução de Rosa D’Aguiar encontramos o equivalente na frase: “lhe disse:”. Comparando a língua de chegada e a língua de partida, foi possível perceber que diferentemente da tradução do site <http://sempreversoes.blogspot.com/>, nesta tradução não ocorre substituição de uma parte por outra. Em francês temos o pronome e depois o verbo, e na tradução para o português também temos primeiro o pronome e depois o verbo. Neste caso, não há transposição.

No próximo trecho escolhido, percebemos a presença de outra transposição, no caso, por imposição gramatical e por razões estilísticas.

“Le petit Chaperon Rouge, qui entendit la grosse voix du Loup eut peur d’abord, mais croyant que sa mère-grand était enrhumée, répondit:...”

“Chapeuzinho Vermelho, ao escutar a voz grossa do Lobo, teve medo, mas pensando que a voz de sua avó estava diferente por causa do resfriado, respondeu:...”

(<http://sempreversoes.blogspot.com/>)

Comparando o trecho anteriormente citado com a tradução do site <http://sempreversoes.blogspot.com/>, é possível notar uma transposição. No trecho “mais croyant que sa mère-grand **était enrhumée**, répondit:...” Perrault usa a construção verbal “était enrhumée.” Percebe-se neste caso o verbo “ser” no pretérito imperfeito seguido de um adjetivo para descrever a situação da avó de Chapeuzinho vermelho, ela **estava resfriada**. Já na tradução mencionada, lê-se: “a voz de sua **avó** estava diferente por causa do **resfriado**.” O resfriado não é traduzido por uma forma gramatical equivalente, pois na tradução, ao invés do adjetivo “resfriada”, passamos a ter o substantivo equivalente, “resfriado”. Inclusive, o substantivo “resfriado” acaba introduzindo uma relação de causa que até consta no texto original, mas de forma implícita, diferentemente da tradução do blog que expõe esta relação de forma muito mais explícita.

É interessante que no mesmo trecho da tradução de Rosa D’Aguiar, temos a seguinte tradução:

“**Chapeuzinho Vermelho**, que ouviu a voz grossa do Lobo, teve medo, mas lembrando que a vovozinha estava resfriada, respondeu:[...]”

Percebe-se que não ocorre uma transposição na mesma construção que ocorre na tradução do site <http://sempreversoes.blogspot.com/>, pois a tradução de Rosa D’Aguiar tem a estrutura e a semântica idênticas ao texto original. Onde lemos “était enrhumée”, temos na tradução de Rosa D’Aguiar exatamente “estava resfriada.” O mesmo trecho em uma tradução sofre a transposição e em outra não.

No entanto, percebemos que no trecho citado, Perrault usa a estrutura “**sa**

mère-grand” e na tradução de Rosa D’Aguiar encontramos tal transposição para a seguinte estrutura: **“vovozinha”**. Neste exemplo, ocorre uma transposição por razões estilísticas, pois “mère-grand”, que corresponde a “avó”, foi traduzido por “vovozinha”, adaptando a designação de Perrault para a linguagem infantil.

2.3.2- A diluição/concentração.

Um outro procedimento presente na tradução oblíqua é a diluição/concentração. Nesse processo ocorre uma troca ou mudança, pois a expressão do significado passa para um significante mais longo ou mais curto na língua de chegada.

Há alguns exemplos de diluição/concentração na tradução de Chapeuzinho Vermelho encontrada no site <http://sempreversoes.blogspot.com/>. Nesta tradução é possível identificar claramente este fenômeno. Veja os exemplos abaixo:

“[...] la pauvre enfant, qui ne savait pas qu’il est dangereux de s’arrêter à écouter un loup[...].”

“[...] A pobrezinha, que não sabia como é perigoso parar para escutar um lobo[...].”

No exemplo acima ocorreu uma mudança, caracterizada como concentração, pois a expressão do significado passa para um significante curto na língua de chegada, no caso de “pauvre enfant” para “pobrezinha”.

Analisando o mesmo trecho mencionado acima, mas na tradução de Rosa d’Aguiar, já não acontece o mesmo, onde lemos “pauvre enfant”, temos “a pobre menina”, não ocorrendo assim uma concentração, como podemos verificar abaixo:

“[...] **la pauvre enfant**, qui ne savait pas qu’il est dangereux de s’arrêter à écouter un loup[...].”

“[...] **A pobre menina**, que não sabia que era perigoso parar e ficar ouvindo um lobo, disse [...]”

Observamos um exemplo de diluição/concentração encontrada na tradução de Rosa D’Aguiar no trecho abaixo:

“[...] **une petite fille** de village, la plus jolie qu’on eût su voir[...]

“[...] era uma vez uma **garotinha** de um vilarejo, a mais bonita que se pode imaginar[...]

No exemplo acima ocorreu uma concentração, pois a expressão do significado passa para um significante curto na língua de chegada, no caso de “petite fille” para “garotinha”.

Analisando o mesmo trecho mencionado acima, mas no site <http://sempreversoes.blogspot.com/>, nota-se que ocorre o mesmo. Onde lemos “petite fille”, temos “menina”, ocorrendo assim uma concentração de caráter obrigatório, pois a tradução literal de “petite fille” em português é “menina”:

“[...] Havia, numa cidadezinha, uma **menina** que todos achavam muito bonita.[...]

2.3.3- A Mudança de construção ou Reconstrução de períodos

A Mudança de construção ou Reconstrução de períodos é um outro procedimento da tradução que surge como uma resposta ao fato de que as estruturas sintáticas nem sempre coincidem na língua de partida e na língua de chegada. Na verdade, ainda que haja estruturas paralelas nas duas línguas, talvez ocorra que em uma delas exista uma certa preferência por determinados tipos de construção sintática, o que faz com que o tradutor recorra a estrutura mais recorrente e aceita na língua no momento de passagem da mensagem.

Analisando a tradução de Chapeuzinho Vermelho de Rosa Freire é possível identificar elementos que nos mostram que houve uma mudança de construção da língua de partida para a língua de chegada. Observe-se o exemplo abaixo:

“[...] Va voir comme se porte ta mère-grand, car **on** m’a dit qu’elle était malade, porte-lui une galette et ce petit pot de beurre.[...]

“[...] Vá ver como a vovó está passando, pois me **contaram** que ela estava doente. Leve para ela um bolinho e este potinho de manteiga[...].”

Nos exemplos acima, ocorre o uso do pronome “on” acompanhado do verbo. A língua francesa tende a optar pelo uso do pronome “on” para indeterminar o sujeito, enquanto na língua portuguesa do Brasil, há outros recursos para expressar o mesmo sentido. Um desses recursos, é o uso da terceira pessoa do plural, sem referência a pessoas determinadas. É exatamente isso que aconteceu nos trechos acima. Na frase “on m’a dit qu’elle était malade”, há a presença do pronome “on” que precede o verbo, mas ele está aí indicando a indeterminação do sujeito, enquanto na frase “pois me contaram que ela estava doente”, a indeterminação do sujeito é marcada pelo verbo conjugado na terceira pessoa do plural e sem um pronome sujeito explícito o acompanhando.

No entanto, comparando os mesmos trechos citados com a tradução encontrada no site <http://sempreversoes.blogspot.com/> percebe-se que ocorre um outro tipo de mudança de construção ou reconstrução de período.

Como visto anteriormente, o “on” pode ser usado para indeterminar o sujeito, mas ele vai estar acompanhando o verbo. Na estrutura apresentada na tradução do site <http://sempreversoes.blogspot.com/> o tradutor opta por usar um outro verbo, é verdade, mas a estrutura sintática sofre uma mudança de perspectiva (o pronome oblíquo “me” referente à primeira pessoa, torna-se pronome sujeito em português).

“[...] Va voir comme se porte ta mère-grand, car **on** m’a dit qu’elle était malade, porte-lui une galette et ce petit pot de beurre.[...].”

“[...] Vai ver como está passando tua avó, pois eu soube que ela anda doente. Leve uma torta e um potezinho de manteiga.[...].”

2.3.4- A Modulação

A modulação se refere a um certo número de variações léxicas, que se revelam necessárias na passagem da Língua de Partida para a Língua de Chegada, e que apresentem as relações do signo com a realidade exposta.

Na passagem de uma língua para outra, o significado das palavras pode mudar, pois as visões de mundo não são as mesmas para todas as comunidades existentes e a língua expressa a relação do indivíduo com o mundo. As línguas não partem do mesmo ponto de vista, o que explica a modulação no processo tradutório. Na tradução, muitas vezes se faz necessária a substituição de um aspecto da língua de partida por outro da mesma realidade na língua de chegada.

Analisando a tradução de Chapeuzinho Vermelho de Rosa Freire é possível identificar elementos que nos mostram que houve uma substituição de um aspecto da língua de partida por outro da mesma realidade na língua de chegada. Por exemplo:

“[...] une petite fille de village, la plus jolie qu'on **eût su voir**[...]”

[...] a mais bonita que **se pode imaginar**[...]”

Percebe-se que além do uso da partícula “**se**” para indeterminar o sujeito, o verbo utilizado na língua de chegada é diferente. Na língua de partida temos uma construção verbal com o verbo “savoir” (saber) no passado mais o verbo “voir”(ver) no infinitivo. Já na tradução de Rosa Freire, notamos a construção verbal do verbo “poder” mais o verbo “imaginar” no infinitivo, pois se a estrutura da língua de partida fosse mantida, ocorreria prejuízo de compreensão na língua de chegada.

No mesmo trecho, na tradução do site: <http://sempreversoes.blogspot.com>, é possível perceber que também ocorreu uma substituição de um aspecto da língua de partida por outro da mesma realidade na língua de chegada:

“[...] Havia, numa cidadezinha, uma menina que **todos achavam muito bonita**[...]”

No trecho apresentado acima percebemos que a construção sintática o indicativo de superlativo desaparece e é introduzido um elemento intensificador, no

caso “muito”; a indeterminação é marcada pelo pronome indefinido “todos”; o tradutor, opta por um verbo diferente, o verbo “achar”.

2.3.5-A Economia / Amplificação

Esse processo surge quando se alonga ou reduz um enunciado, o que ocasiona além da multiplicação e diminuição de significantes, um desmembramento ou condensação dos significados, pois na passagem da Língua de Partida para a Língua de Chegada, considera-se que alguns detalhes devem se tornar explícitos ou outros podem ficar implícitos.

Há alguns exemplos de economia na tradução de Chapeuzinho Vermelho encontrada no site <http://sempreversoes.blogspot.com/>. Por exemplo:

[...] Oh ! oui, dit le petit Chaperon rouge, c'est par-delà le moulin que vous voyez tout là-bas, **là-bas**, à la première maison du village.[...]

[...] É pra lá daquele moinho que você está vendo bem **lá embaixo**. [...]

Na língua de partida, temos a repetição de **là-bas** que na língua de chegada é traduzido como “lá embaixo” e não se repete. Neste caso temos o processo de economia.

Analisando a tradução de Chapeuzinho Vermelho de Rosa Freire é possível identificar o mesmo processo de redução:

[...] é bem depois do moinho que você está vendo lá adiante, na primeira casa da aldeia [...]

Na língua de chegada não ocorre repetição da expressão equivalente a “là-bas”, no caso, “lá adiante”.

3. CONCLUSÃO

Como já foi mencionado ao longo deste trabalho, a tradução possui uma importância inegável e indiscutível na nossa sociedade. Em todos os campos da nossa vida, ela se faz necessária. Talvez não seja possível enxergar tão claramente e automaticamente isso no nosso cotidiano, mas quantas coisas essenciais ou não tão imediatas fazem parte da nossa vida e precisaram passar por uma tradução? O filme coreano e a novela mexicana que assistimos, a bula de um medicamento de um país anglófono, que tomamos, o artigo traduzido daquele jornal francês extremamente conhecido, e mais outras inúmeras situações de que possamos lembrar. Provavelmente não notamos a dimensão da tradução na nossa vida, a não ser que sejamos intimamente ligados a esta atividade. A interação com outros povos e culturas é uma urgência, não importa qual seja a força motivadora. Sendo assim, é fundamental então neste processo uma urgência, que é a necessidade de se relacionar com outros mundos, para tanto é preciso vencer esta barreira, que é a língua estrangeira. A tradução aparece como uma das melhores soluções, talvez a melhor, para a barreira que a pluralidade de línguas nos impõe em determinadas circunstâncias. A tradução salva, abre novos mundos e é um elemento fundamental para a manutenção de identidades.

Dada toda a sua importância, a tradução deve continuar sendo estudada e refletida. Como se observou ao longo deste estudo, durante anos, muitos têm se concentrado em entender o processo tradutório e refletem sobre os procedimentos ou métodos usados neste processo tão necessário. Existe um esforço contínuo para se definir métodos que estabeleçam uma uniformidade no processo de traduzir, ajudando a chegar a um texto final coerente, um texto que consiga expressar todas as ideias e nuances da língua de partida, mas sempre respeitando as singularidades e especificidades da língua de chegada. Em um único texto traduzido, é possível verificar um ou mais procedimentos de tradução. O presente trabalho se concentrou em explicar alguns desses procedimentos tradutórios e mostrá-los na prática, usando como base duas traduções do conto de fadas “*Le Petit Chaperon Rouge*” (Chapeuzinho Vermelho) de Charles Perrault: a tradução de Rosa Freire de Aguiar (2012) e uma outra versão traduzida, realizada por um autor desconhecido e que é

encontrada em um site que publica contos em geral. (<http://sempreversoes.blogspot.com>).

Nestas traduções foram identificados, analisados e desenvolvidos cinco procedimentos possíveis na tradução oblíqua: a transposição, a diluição/concentração, a mudança de construção ou reconstrução de períodos, a modulação, a economia/amplificação. Existem outros procedimentos tradutórios possíveis que não foram abordados no presente trabalho e que até podem estar presentes nas traduções que o fundamentaram, mas que não foram levantados, explicitados e desenvolvidos neste estudo.

Levantar e analisar os procedimentos tradutórios explicitados neste estudo, ajudaram a perceber o quanto eles facilitam o trabalho do tradutor, um trabalho que é tão importante e delicado e que sim, eles podem variar de uma tradução para outra. Pode-se afirmar que existe uma fórmula certa para o trabalho de tradução? Um passo a passo? O que se pode concluir é que os estudos e as reflexões sobre a tradução, no decorrer dos anos, ajudam de forma prática o processo de traduzir, ainda que alguns estudiosos defendam práticas tradutórias diferentes entre si ou talvez venham a reformular a sua visão com o passar do tempo. São esses estudos que permitem a possibilidade de acesso a textos coerentes e compreensíveis, ainda que sejam oriundos de línguas estrangeiras, totalmente diferentes da nossa. Se hoje "*Le Petit Chaperon Rouge*" (Chapeuzinho Vermelho) faz parte do imaginário brasileiro é devido ao trabalho de tradutores.

4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Rosa Freire D'. **Memória de Tradutora**, Florianópolis: Escritório do Livro / NUT/UFSC, 2004. Correa Castello. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução**. São Paulo: Pontes, 1990

Fábulas. Mundo Educação 2020. Disponível em: 20 de Setembro de 2020 <<https://mundoeducacao.uol.com.br/redacao/fabula.htm>>.

FRAZÃO, Dilva*. **Charles Perrault. Escritor francês**. Ebiografia, 2020. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/charles_perrault>. Acesso em: 20 de outubro de 2020.

NIDA, E. **Language, culture and translating**. Shang-hai: Foreign Language Press. 1993.

PERRAULT, Charles. **Chapeuzinho Vermelho**. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar. 4a reimpressão. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2012 (2007).

PERRAULT, Charles. **Chapeuzinho Vermelho**. Tradução: Autor desconhecido Disponível em: <http://sempreversoes.blogspot.com/>; Acesso em: 20 de novembro de 2020.

PONTES, Denize da Encarnação. **Um Conto De Fadas Transcendental**. **Revista Científica Cognitionis**. Mar/2020. Logos University International. Disponível em: <<https://unilogos.org/revista/wp-content/uploads/2020/03/UM-CONTO-DE-FADAS-TRANSCENDENTAL.pdf>.> Acesso em:19/11/2020

RADINO, Glória. **Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003.

SCHLEIERMACHER, F. E. D.; BRAIDA, C. R. Sobre os diferentes métodos de traduzir. **Princípios: Revista de Filosofia** (UFRN), v. 14, n. 21, p. 233-265, 26 set. 2010.

SOUSA-AGUIAR, Maria Arminda de. Tradução: da teoria à prática. **ELOS: o francês no Brasil**, Rio de Janeiro, Associação Brasileira dos Professores Universitários de Francês, 2: p.49-62, 1980

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

VINAY, J.P. & DARBELNET, J. **Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction**. Paris: Didier. 1977.